



Pela família — Pela religião — Pela pátria

Director :

AMADEU PEIXOTO PINTO LEITE

Publicações

Cada linha, 60 reis. Repetições, 30

ASSIGNATURA

Em Ovar (anno) . . . 1\$000 reis

Com estampilha (anno) . 1\$200 »

Brazil e Colonias . . . 1\$500 »

Editor :

AMERICO PEIXOTO PINTO FERREIRA

Redacção e administração

Largo de S. Miguel — OVAR

Composto e impresso no Porto na Typ. Fonseca & Filho 72, Rua da Picaria, 74

As grèves em Portugal

As grèves em Lisboa, Porto e em algumas partes da provincia vão-se acclimatando furiosamente. E' um brado de justiça, embora mal comprehendido pelos interessados e pelo proletariado sem a educação civica precisa, é um brado de justiça que tem tomado vulto em toda a Europa civilisada e America ingleza. O regimen auctoritario do poder theocratico, do resto da nobreza e do feudalismo moderno da burguezia argentaria, tinha-se enraizado fortemente na vida social das nações até ao segundo quartel do seculo XIX.

A noção do direito e da egualdade começára a definir-se e a delinear-se de então para cá, a crear raizes novas na consciencia moderna.

Como protesto contra os ultrages á liberdade e egualdade humana, o proletariado, espinhado pelos grandes, recorreu á grève, com o fanatismo e a esperanza com que o doente recorre á therapeutica do medico ou do curandeiro. Effectivamente, a greve não representa nada em Portugal alem d'uma revolta momentanea contra o capital, que as negociações entre opprimidos e oppressores

salvaguardam sempre e no fim de contas. A greve que devia representar uma revindicação social perfeita, a voz da consciencia humana aspirando á egualdade nos direitos, á liberdade de acção na interpretação dos deveres civicos e á fraternidade no bem e no principio humanitario que deve amparar a sociedade moderna, representa, desgraçada e desastradamente, uma burla, uma impalpação legal.

Não pretendemos definir a actual situação politica, fazendo o balanço da justiça e direitos que assistem aos grevistas actuaes. Isso é uma questão particular a que nos queremos tornar alheios.

Vamos razoando levemente sobre as greves em Portugal, nutrindo pouca esperanza na effectividade d'ellas e nos resultados praticos que da revolta contra o capital podem advir aos opprimidos.

E mais do que nunca, presentemente a greve representa um desastre para o governo do novo regimen, e pode chegar a indicar um desastre não menor ao futuro da nossa patria.

E se não navegamos em mar de rosas, como é de facil intuição, e se o povo portuguez não está ainda apto para comprehender os seus deveres civicos, porque não comprehende os seus deveres domesticos, como poderá pôr em pratica o uso incontiente da greve, como salvaguarda licito e justificado dos seus direitos?

A geração actual portugueza não foi edu-

cada para isso. Deante dos descalabros da monarchia, vimos crescer prodigiosamente o partido republicano, não á sombra das convicções politicas que podem ver no regimen democratico uma formula de justiça mais perfeita e equitativa que no regimen constitucional, mas á sombra d'um ideal de despeitos, de ambições, de esperanças, de promessas vãs.

Disseram ao povo que a Republica em Portugal seria a espada feiticeira que cortaria o nó gordio de todas as difficuldades economicas; que seria a terra da promessa para todos os infelizes; que seria o symbolo de todas as justiças; o sustentaculo de todos os direitos e regalias populares.

E a republica implantou-se, a esperança embalou muitas almas, e a desillusão começa agora a invadir quasi todos os espiritos.

E como o genio peninsular é exaltado em extremo para ficar no justo logar a que lhe dão direito as regalias e liberdades conquistadas á pressa e sem a comprehensão nitida d'ellas, ficamos na espectativa de acontecimentos futuros pouco para desejar á marcha dos negocios nacionaes.

Offereceram ao povo vinte e o povo portuguez quer quarenta; deem-lhe quarenta e amanhã elle quererá cem e se lhe derem cem amanhã julgar-se-ha com direito a reclamar duzentos.

Ai das nações que alicerçam o governo dos seus negocios na volubildade da alma popular, sobretudo quando a massa popular desse paiz não teve a comprehensão dos seus deveres civicos!

Os arautos da republica, prometteram de mais, confundindo, pela precipitação de chegar ao Cabo das Tormentas, o apostolado dos principios com a propaganda das instituições novas.

E assim a Republica, longe de representar em Portugal a solução d'um problema capital de economia e progresso, deixa ante-ter corollarios tristes d'um futuro mosqueado de desastres, de desconchavos governamentaes, de impertinencias pedantes d'um cerebro phosphorescente que ambicionou assumir a responsabilidade d'um Pombo do seculo XX, e que não passa d'um vaidoso e d'um ambicioso.

Art. 1056 do codigo civil

Oiça, vizinha: o melhor
E' combinarmos o modo
De acabar com este amor
Que me toma o tempo todo.

Passo os meus dias a vel-a
Bordar ao pé da saccada
Não me tiro da janella
Não leio, não faço nada.

O seu trabalho é mais brando,
Não lhe prende o pensamento,
Vae conversando, bordando,
E acirrando o meu tormento...

O meu não: abro um artigo
De lei, mas nunca o acabo,
Pois dou de cara comsigo
E mando as leis ao diabo.

Ao diabo mando as leis
Com excepção d'um artigo:
O mil e cincoenta e seis...
Quer conhece-lo? Eu lho digo:

«Casamento é um contracto
Perpetuo». Este adjectivo
Transmuda o mais lindo pacto
No pacto mais repulsivo.

«Perpetuo». Repare bem
Que artigo cheio de púas.
Ainda se não fosse além
De uma semana, ou duas...

Olhe: tivesse eu mandato
De legislar e poria:
Casamento é um contracto
De uma hora — até um dia...

Mas não tenho. E' pois melhor
Combinarmos algum modo
De acabar com este amor
Que me toma o tempo todo.

Augusto Gil.



Pudim de laranja

Estonam-se 12 laranjas de forma que não fique nem casca branca, cosem-se depois de pisadas em um almofariz, deita-se-lhe uma duzia d'ovos e só duas claras, quatro centas e cinquenta grammas d'assucar, 40 grammas de canela em pó, uma pitada de noz moscada e uma colher de nata. Unta-se a fôrma com a dita nata, deita-se-lhe tudo dentro e leva-se ao forno brando.

Cartas de Pombal

I

Reminiscencias

Estamos em plena primavera do anno de 1904.

A lua sumia-se á proxima claridade matinal da aurora.

Eram 3 horas da madrugada. A manhã surgia luminosa, esplendida; a brisa era suave e branda, dando-nos a impressão d'um afago carinhoso e terno.

Coimbra, a cidade baixa, mal se divisava ainda quando cheguei á janella de meu quarto e, pelos vidros embaciados, estendi a vista para além da Sé Nova.

No meu quarto de rapaz solteiro, n'esse tempo, já se vê, quarto de estudante, cuja mobilia, em estylo nacional, e que apenas se compunha d'uma cama de ferro, lavatorio do mesmo, uma meza de pau (pinho) e uma cadeira de igual mogno.

Puxei as orelhas ao lençol, e tratei de sentar-me na cadeira que puxei de baixo da meza; colloquei na minha frente a chimica organica...

Devia fazer n'esse dia, pelas 9 horas da manhã, o meu acto final de pharmacia, e por esta razão, já na vespera me tinha deitado cêdo com a firme resolução de me levantar ao romper d'alva, que é quando o espirito se acha mais sereno, e a memoria mais apprehensiva.

Fui lendo e produzindo por formulas chemicas tudo quanto se relacionava com corpos gordos e seus processos de saponificação, e por ultimo entrei a valer na glicerina e seus derivados.

Puz de parte, depois de algum tempo de estudo, a chimica, e tratei de novamente relêr a Pharmacotechnia, procurando ás vezes a significação de qualquer planta na botanica que tambem tinha a meu lado.

Assim foi passando o tempo até que o sol rompeu em todo o seu esplendor.

Sentia um sussurro permanente para os lados da baixa: era o movimento que augmentava, ao chamamento dos guinchos e das sinetas das fabricas.

Aproximava-se a hora de tirar o ponto e tratei de preparar a minha *toilette* para sahir. Almoço de grillo.

Eram 7 horas quando me apresentei no Laboratorio.

Uma hora depois sahia deixando os 3 preparados pharmaceuticos sobre a meza do preparador, e dirigi-me finalmente para casa do meu

professor e meu presado amigo dr. Alves Sobral, distinctissimo pharmaceutico e nobre caracter, por signal.

Até na hora que me faltava estudei o ponto. Eram horas de apparecer perante os meus examinadores.

Meu pae appareceu-me de surpresa no largo da Sé Nova, quando me dirigia para o exame. Não sabia da sua vinda.

Minutos depois estava em frente dos meus examinadores.

Nas bancadas estava grande parte dos meus condiscipulos para assistir ao meu exame.

O interrogatorio foi de 20 minutos a cada professor, findos os quaes vim para os corredores onde fui abraçado por meu pae e meu irmão Carlos, (que n'essa occasião estava e ainda está estudando em Coimbra) e por todos os meus companheiros, felicitando-me pelo meu *bom exame*; eu porém agradecia enternecido essas provas de affecto de meus companheiros, mas no meu espirito apesar de perfeitamente socegado, estava no entanto a duvida do resultado final.

Passados cinco minutos appareceu o Bedel dizendo: Joaquim d'Amorim Pessoa, approvado plenamente; os meus parabens.

Foi então que me senti possuido d'um prazer intimo, e abraçando de novo meu pae e meu irmão, novamente tornei a abraçar os meus companheiros que renovavam as suas felicitações.

Jantei n'esse dia com meu pae e meu irmão, tendo aquelle levado de Pombal um bellissimo leitão assado, que nos deliciou a todos; pessoas de familia, os meus condiscipulos mais intimos, e meu primo Eduardo, que foi commigo jantar n'esse dia.

Meu pae retirou no comboio que partia de Coimbra ás 6 horas e 40 minutos da tarde; e eu no dia seguinte de manhã lá fui tambem para as quintas de meus padrinhos no Zambujal, (concelho de Cantanhede) fazer a visita de despedida como o fizera na tarde do dia anterior a todos os meus conhecidos e amigos, não deixando de ir agradecer aos meus examinadores, bem como abraçar com effusão o meu presadissimo amigo dr. Alves Sobral. Do Zambujal onde estive alguns dias retirei para Pombal. De minhas primas recebi tambem um cartão de felicitações, que pessoalmente fui agradecer, cheio de verdadeiro e justificado contentamento.

Era a felicidade que se aproximava, ao abrir o prologo da minha vida social e ao fechar, no meio da mais ardente saudade, o epilogo da vida de estudante.

* Pombal.

J. d'Amorim Pessoa.

◆◆ Fabrica de telha d'Ovar ◆◆

Largo do Martyr

◆◆ de 100 kilos. Escolha feita a rigor. — Proprietarios: Peixoto, Ribeiro & C.^a ◆◆

Os preços da telha d'esta fabrica, actualmente, tanto na fabrica como no caes da Ribeira, ou em wagon na estação do caminho de ferro de Ovar, são: 1.^a, 21\$000; 2.^a, 17\$000; 3.^a, 13\$500 réis. Isto sem desconto algum. — A sua resistencia elevase a mais

Conto da semana

SEM FILHOS

Numa aldeia sertaneja do Minho, numa linda vivenda, situada na encosta dum monte, vivia uma familia, composta apenas de duas pessoas, marido e mulher, que aos olhos do mundo passavam por dois esposos verdadeiramente felizes.

A sua habitação, casa ricamente mobilada ao centro dum bello jardim, donde se avistava um deslumbrante panorama, era considerada por todos os habitantes d'aldeia como um novo paraíso terreal, onde Deus collocára estes dois esposos, para os fazer completamente felizes.

Este modo de pensar do povo, porem, não correspondia á realidade, porque os dois esposos viviam tristes, signal evidente de que não eram felizes.

Casados havia já alguns annos, nunca tinham conseguido a suprema alegria, que podem ter dois esposos que deveras se amam, de vêr o fructo do seu amor, a quem podessem legar o seu nome e a sua fortuna. Possuir um successor, eis o que lhes faltava para complemento da sua felicidade.

Já que Deus lhes não concedera descendencia, podiam ao menos adoptar como filhos alguns desses desprotegidos da sorte que nunca souberam o que era a protecção dum pae, ou as caricias d'uma mãe.

Mas disto não se lembravam elles, tal era a cega tristeza que lhes absorvia todos os seus pensamentos. Acabrunhados por esta unica mas espessa nuvem que lhes toldava o ceu azul da sua existencia, os dois esposos viam approximar-se a tão lembrada noite de Natal e nada tinham ainda resolvido sobre a consoada, que naquelle anno promettia ser tão triste como nos annos anteriores. Sentaram-se machinalmente num sophá que tinham perto do fogão e ahi, sob o peso dos seus tristes pensamentos adormeceram, tendo cada um delles o mesmo sonho.

Sonharam que possuíam um filhinho, encantadora creança dos seus cinco annos, a quem amavam loucamente, e que, ao voltar aos seus brinquedos infantis, vinha acompanhada por um grupo d'outras criancinhas, vestindo apenas uns miseraveis andrajos que mal lhes encobriam a nudez e com as faces palidas e definhadas pela fome, que, ha muito já, era sua companheira inseparavel.

Ao chegar junto de seus paes diz assim a creancinha:— «Aqui vos trago estes companheiros. São orphãos, desfavorecidos da fortuna que vêm pedir-vos que ao menos na noite de Natal não vos esqueçaes de os soccorrer. Não tem habitação, querem abrigar-se. Vêm tranzidos pelo frio,

querem aquecer-se. Vêm torturados pela fome, querem attender ás imperiosas exigencias do seu estomago. Soccorrei-as, pois, porque são meus irmãos. Dito isto desapareceu. A commoção que sentiram os dois esposos ao despertarem no fim do sonho, fê-los soltar ao mesmo tempo um grito despanto que os trouxe á fria realidade da sua tristeza antiga.

Tomando porém a visão por um aviso lançaram um ao outro um olhar de censura, como se não estivessem ambos culpados na mesma falta e d'alli po. deante era vê-los, cheios d'alegria recolher em sua casa todos os orphãosinhos d'aldeia a quem elles votavam um amor verdadeiramente paternal.

E assim o dia de Natal que promettia ser um dia de tristeza, foi já um dia de verdadeira alegria, pois já não estavam sós; já tinham filhos.

P. J. R.

De semana a semana

Conversando

Todos diziam, e na verdade era de crer, que nesse dia coubera á povoação a sorte grande. Ella estava pobre, despresada, abandonada, esquecida para tudo que não fosse eleições. Não tinha limpeza de ruas. Os saquões regorgitavam para a via publica as suas immundicies. A vida de cada habitante andava á mercê de mil focos de infecção. As ratazanas esmagadas pelas rodas dos carros expunham á voracidade das moscas e aos olhares enojados dos transeuntes os intestinos ensanguentados expremidos sobre a pelle como polpa de tomate, em plena rua.

A unica vassoura que revolvía a espessa pocira da macadame era a nortada.

Encantava o aspecto das ruas em dia de ventania convertidas em oceano revolto de poeira, e deliciava respiral-a a pleno pulmão. Pobre terra! Nunca a irrigação d'algumas pipas d'agua facil de tomar dos canos do chafariz lhe roubou o prazer de respirar poeira.

Ella via-se desde largos annos votada ao abandono. Tinha uma camara e tinha um subdelegado de saude, intelligente e com vontade de cumprir o seu dever. No entanto só por feliz acaso a não arrazavam mil epidemias.

E todos se resignavam como se vivessem no melhor dos mundos.

Punha-se o sol e a escuridão da noite estendia-se negra como um crepe immenso, novo, em folha, sem o rasgão luminoso e duradouro d'uma alanterna posta aqui e alem ao longo das ruas.

A illuminação publica era uma mentira. Nas ruas mais centraes era facil ser-se anavalhado

ou espancado mesmo fóra do dobrar das esquinas.

Na povoação andava-se em segurança a horas mortas apenas em noites de plenilunio e ceu estrellado.

E não havia que esperar. Parecia condemnada a viver assim esta vida de miseria socegada como a resignação, pelos tempos adeante. Pouco valia o protestar d'um ou outro. Era voz perdida no deserto ou um incentivo para que fôsse tudo de mal a peor.

Mas a aurora de *liberdade* raiou sanguinea ao rebentar em Lisbôa de quatro bombas de dynamite e ao consumir-se a mais estúpida traição que já victimou um povo inteiro e toda a *sertaneja* povoação suppoz chegado o dia do seu engrandecimento.

A Camara fôra *expropriada* e braços e intellectos vigorosos tomaram a seu cargo levantar e dirigir para melhor futuro a terra malfadada.

Houve festa estrondosa durante oito dias e clamou-se em termos de todos ouvirem que agora é que iria entrar tudo na ordem e na estrada real do progresso.

O tempo deslisa, os cães ladram e... a caravana passa. Quer dizer:

Tudo como d'antes, acrescentado apenas com um desasocego que ninguem pôde occultar.

Os mais credulos que saudaram com fagueira esperança a *expropriação*, sentem que o seu espirito se vai destroncado das mais bellas illuções.

Os entusiastas vão arrefecendo nos seus ardores e abanam a cabeça em ar de scepticos.

E todos vão dizendo em familia e lá com os seus botões: pois que se devia esperar? Quem é que manda nesta terra?

Pobre terra!

Juiz substituto

Foi nomeado juiz substituto d'esta comarca o sr. Dr. Antonio B. Zagallo dos Santos, novel advogado. Felicítamol-o.

Director do Correio

Diz-se que vai ser transferido o director do correio d'esta villa, em virtude de algumas irregularidades ultimamente commettidas na estação telegrapho-postal. Será verdade? E quem o virá substituir?

Nós d'hoje em dia estamos como o velhinha d'anectocta:— Para melhor ninguem vai.

Dizem-nos:

Que o largo da Poça vai ser dotado com duas escolas: uma creada pela Camara para o sexo feminino e outra mixta paga pelo bolso do sr. Padre José Semião d'Oliveira Gomes.

Se assim fôr, só temos a louvar a bôa acção deste nosso amigo.

Lama a tres torvos

Exactamente como d'antes. Estamos ainda quanto a limpeza de ruas tal qual como d'antes. Lama de palmo e meio. Nem admira: as estradas fôram sendo ruidas persistentemente, dia a dia, hora a hora pelo grande transito que ha nesta villa, durante o verão.

A poeira alastrava-se espessa sobre o macadame. Nunca ninguem se importou com isso.

Deixaram-na engrossar. Agora as primeiras chuvas do inverno empapam-n'a de forma que é impossivel o transitar pelas ruas. E' exactamente como d'antes, ninguem se importa. Isto é, aquelles a quem compete. Não ha quatro homens a quem se mande limpar á enxada ao menos as ruas mais concorridas e centraes.

Isto é vergonhoso para uma terra como Ovar, dada ao luxo de possuir uma... camara municipal.

Annos

Fizeram annos no dia 25 de novembro a sr.^a Felismina da Motta e Pinho, digna esposa do sr. Francisco Machado; no dia 28 a menina Margarida, filha do sr. Joaquim Alves da Cruz; hoje o sr. José d'Oliveira Ramos e a menina Rachel Rodrigues da Silva Nabia, filhinha do nosso bom amigo sr. Benjamin Nabia; no dia 3 do corrente o menino Antonio, filhinho do sr. Carlos d'Oliveira Campos; no dia 4 os srs. João Ferreira Soares Gomes e João Bernardino d'Oliveira Gomes; no dia 5 o sr. João Pinto Camello; e no dia 8 a Ex.^{ma} Snr.^a D. Adelaide Soares d'Oliveira Santos.

Délivrance

Teve a sua délivrance no dia 21 de Novembro a dedicada esposa do sr. José Soares de Pinho Junior, dando á luz uma creança do sexo feminino.

Aos dois consortes os nossos parabens.

Arborisação

A camara municipal vai mandar plantar arvores em diversos pontos da villa, onde isso necessario se torne, para o que já conseguiu do governo que lhe fosse facultado trazer 300 arvores do Choupal de Coimbra. E' um acto digno de louvor; mas não seria menos digno de encomio que a mesma corporação velasse efficazmente pela conservação das que existem por esses largos e praças e que tão esquecidas e desprezadas e maltratadas teem sido.

Falleceu

Na semana passada, em S. João, desta freguezia, a sr.^a Rosa Affonso, tia do ex.^{mo} sr. Francisco Lopes da Silva, a quem endereçamos pesames.

Parabens

Damol-os a Ex.^{ma} Snr.^a D. Aurelia Aurora Duarte Silva pela sua promoção definitiva a professora official do sexo feminino, na escola da Rua da Fonte.

Verdades

A gente olha por esse paiz além e vê a direcção moral, intellectual, politica, administrativa, nas mãos de quem?

Das commissões municipaes e parochiaes, ou, por outra, de pequenos nucleos republicanos que existiam no paiz.

Ora quem é essa gente? Uns pobres homens, em regra, sem envergadura para a tarefa espinhosa que lhe puzeram sobre os hombros. Um ou outro bacharel no meio d'elles, mas d'aquelle genero bacharelode, genero acephalo, que Cuvier despresou, porque não lhe chegou a noticia d'essa creação da terra portugueza.

Ficaram sem classificação no reino animal. E fluctuando ao de cima desses pobres homens, bons, bem intencionados, mas modestos e sem cultura para dirigir, o pedante e o canalha que são quem manda, quem verdadeiramente manda, pela audacia que encerra, e encerrou sempre, a falta de senso moral e a falta de senso commum.

Isto é o partido republicano nas provincias.

E a isto está entregue a direcção administrativa e politica da sociedade portugueza.

Baptisado

Foi baptisado em Lisboa um filhinho do sr. Manoel Alves da Cruz, a quem impuzeram o noms de Manoel.

Ainda mais, Senhora da Graça?

Volta a fallar-se em que aos municipes deste concelho irão ser lançadas novas... albardas de impostos. Como se isto aqui fôsse montado de paquidermes! Se não fôr peta; mas nós estamos em crer (e querer) que isso não seja verdade.

Porque se o fôsse razão teria o meu sapateiro de dar vivas... á Christina, visto que a republica só sabe apalpar os bolsos aos que trabalham, depois de lhes ter promettido atafulhar-lh'os com dinheiro e... liberdade.

«O Amor e a Natureza»

Foi levado á scena como annunciámos, na noite de domingo ultimo, por um grupo de amadores, este delicioso drama do Ex.^{mo} Snr Dias Simões. A noite invernosa que fez não nos permittiu o goso de assistir ao espectáculo.

Mas informações que colhemos de pessoas entendidas, são muito lisongeiras para o trabalhos dos distinctos amadores e em especial para

a conhecida actriz Urbana. Notou-se, porem, que a peça é uma obra d'arte d'uma delicadesa superior e difficil de representar por simples, embora intelligentes amadores.

Não obstante pôde o seu illustrado auctor ter a certeza de que a impressão geral é esta: «O amor e a natureza» agrada e é trabalho literario de merecimento.

Notas do fim:

Entre amigos:

—Aqui para nós, olha que aquella da camara pôr o nome de Francisco Ferrer ao largo de S. Miguel, leva agua no bico.

—Ainda ahi vaes?!

—Mas o povo não gostou nada.

—Ora o povo, meu amigo, tem que gostar ou deixar de gostar!

—O povo?! eu entendo que tem.—Pois então a camara não deve andar sempre á vontade do povo, principalmente uma camara... democratica!?

—Ainda és de bom tempo! O povo só paga e não bufa, intendes? Porque agora nem lhe é permittido gritar: «aqui d'el-rei?»

—Ainda que o roubem?

—Sim. Pois tu não vês... Que estamos na republica.

—Ah! mas olha que aquella de pôr tal nome ao Largo foi por ser lá a séde do «Regenerador Liberal». Não te parece?

—E' mais que certo, assim como levou agua no bico metter o Heliodoro Salgado na rua do Dr. Soares Pinto, e o Marquez de Pombal na do Collegio.

—E' verdade! Foi mesmo um proposito!

—Dize antes um *desproposito*.

—E aquella de encafuar o Dr. João Frederico na travessa de S. Lourenço?

—Então onde o querias? Talvez na rua dos Campos!

—E olha que não ficava mal.

—Para e-sa banda fica o Julio Diniz e o Castilho.

—Mas então onde haviam de metter o Aralla?

—Schuu! João Frederico e Aralla são nomes que nunca se devem juntar. E a razão disto é a mesma por que o auctor das *Memorias e datas* foi parar á travessa de S. Lourenço.

—Então estou a ver que a mudança dos nomes das ruas obedecem a um fim altamente *educativo e patriotico!*...

—Sim, estás a ver. E a obra não ficou completa devido a... a...

—A quê?

—A não mudarem o nome ao largo do Chafariz, pondo-lhe o da Aralla.

—Isso então é que haviam de dizer que era um proposito.

—Pois ahi tens porque a obra não ficou completa.

JULIO DINIZ

As pupillas do Senhor Reitor

CHRONICA D'ALDEIA

(Continuação do n.º 2)

—Então é só isso? Ora valha te Deus! É verdade. O pequeno é fraquito e de certo não pôde com o trabalho do campo, mas... para que queres tu o dinheiro, José? Acaso não terás alguns centos de mil réis ao canto da caixa para pôr o rapaz nos estudos? Não podes fazer d'elle um lavrador? fal o padre, letrado, ou medico, que não ficarás pobre com a despeza.

José das Dornas, ao ouvir assim formulado o conselho do reitor, sorriu com a visível satisfação que sempre experimentamos, vendo que um dos nossos pensamentos favoritos merece a approvação de alguém, antes de lh'o revelarmos.

— Nisso mesmo pensava eu. Já me lembrou mandal o estudar, mas tinha cá certos escrúpulos,

— Escrúpulos! Valha-te não sei que diga! Pois ainda és d'esses tempos? Que escrúpulos podes ter em mandar ensinar teus filhos? Fazes-me lembrar um tio meu, que nunca permittiu que as filhas aprendessem a ler; como se pela leitura se perdesse mais gente do que pela ignorancia.

— Não é isso, snr. padre Antonio, não é isso o que eu quero dizer; mas custa-me dar a meus filhos uma educação desigual. Vê v. s.ª? São irmãos e, mais tarde, o que tomar melhor carreira e se elevar pelo estudo ha de desprezar o que seguir a vida do pae, a ponto de que os filhos de um e de outro quasi nem se conhecerão: é o que mais vezes se vê. Não é uma injustiça que faço a Pedro a educação que der a Daniel?

— Homem de Deus, não ha desigualdade verdadeira, senão a que separa o homem honrado do criminoso e máu. Essa sim, que é estabelecida por Deus, que, na hora solemne, estremará os eleitos dos réprobos. Educa bem os teus filhos em qualquer carreira em que os encaminhes; educa os segundo os principios da virtude e da honra, e não os distanciarás, acredita: porque, cumprindo cada um com o seu dever, serão ambos dignos um do outro e promptos apertarão as mãos onde quer que se encontrem. E no sentido mundano, julgas tu que fazes mais feliz Daniel, por o elevares a uma classe social acima da tua? Ai, homem, como vives enganado! O quinhão de dôres e de provações foi indistinctamente repartido por todas as classes, sem privilegio de nenhuma. Ha infortunios e miserias que causam o

tormento dos grandes e poderosos, e que os pobres e humildes nem experimentam, nem imaginam sequer. Grande náu, grande tormenta: has de ter ouvido dizer. Sabes que mais, José? — concluiu o reitor — manda-me o rapaz lá por casa, que eu lhe irei ensinando o pouco que sei do latim, e deixa-te de malucar.

Com estas e identicas razões foi o bom do padre convencendo José das Dornas, que nada mais vehementemente desejava do que ser convencido — e, decorridos oito dias, via-se já Daniel passar, com os livros debaixo do braço, caminho da casa do reitor.

II

— O' ti' Thomazia — dizia, ao vel-o passar, uma velha, que, sentada ao soalheiro, fiava, rezava padre-nossos e cabeceava com somno — o pequeno do José das Dornas anda agora nos estudos?

— Pois não sabe que o pae o quer pôr a padre? — respondeu a vizinha da porta de cima, ao passo que desenredava uma meada e fazia soltar á dobadoura os mais inharmonicos gemidos.

— Toma que te dou eu! A cousa vae de grande então!

— Bem se diz: mais anda quem tem bom vento, do que quem muito rema. Verá vossê, ti' Custodia, que o Pedro, que se mata com trabalho, ha de ter sempre vida de galés, sem nunca levantar cabeça; e o pelém do irmão é que ha de pimpar de senhor e dar leis em casa.

— Uma cousa assim! Já agora havia mister de um senhor abbafe ou conego na familia! Ora este mundo sempre está!

— E então veja que padre aquelle! A mim não me engana a pinta. E' de boa raça. Não tem dúvida nenhuma.

— Sáe ao lado da mãe, vizinha. Lembra-se do tio d'elle? — o Joaquim do Morgado. Que menino!

A inflexão com que este — que menino! — foi pronunciado, era altamente significativa. E' de crer que o referido Joaquim do Morgado, cunhado de José das Dornas, deixasse indeleveis recordações entre as mulheres da sua época.

— Se me lembra! Aquillo era uma cousa por maior. Bastava dar-lhe um bocado de tréla, que elle ahí estava. Nanja eu, commigo nunca elle fez farinha.

(Continua).

José Estevão Lopes do Rego
Negociante de peixe e cereaes
MIRANDELLA

Tem grande quantidade de castanha graúda e sã, que vende a 375 reis cada 15 kilos.

Tambem se encarrega de vender sardinha á commissão, caso lh'a mandem da costa d'Ovar, d'onde ainda não tem commissario. Quem precisar dirija carta a

José Rego — MIRANDELLA.

HISTOGENO LLOPIS

Peça-se sempre o HISTOGENO LLOPIS. Para a cura da DIABETES preparamos o histogeno anti-diabetico, formula especial de resultados seguros na cura dos doentes. Formas do HISTOGENO LLOPIS. Histogeno liquido.—Histogeno granulado. Preço do HISTOGENO LLOPIS. Frasco grande, 1\$100 reis —Frasco pequeno, offerta gratis aos pobres do Dispensario anti-tuberculosos, Santa Casa da Misericordia e Hospital do Rego. Vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Representantes geraes em Portugal: em Lisboa, *C. Mahona & Amaral, Limitada*, rua d'El-rei, 73-2.º — No Porto: *Antonio Cerveira da Motta & C.ª*, rua de Mousinho da Silveira, 115.

Grande Hotel Casino de Espinho

Porto, Santa Catharina, 16. — Hotel de primeira ordem. Situado no melhor local. Aberto desde 1 de junho. Todo o conforto moderno. — Correspondencia a **RIBEIRO & IRMÃO**. Telephone, 5. Endereço telegraphico, GRANDOTEL — Espinho.

ARMAZENS DA CAPELLA

A primeira casa das Carmelitas n.º 70 **Porto**
Grande sortimento de casimiras para factos. Tecido de lã, algodão, linho e seda para vestidos, tapetes, malhas, confecções para senhoras, modas, pannos crus, morins, etc.
Vendas a preços baratissimos.

Alberto Milheiro Cirurgião dentista
Protheses e operações dentarias. *Passeio Alegre, 10-1º*
Em frente ao coreto da Graciosa) — ESPINHO.

AGUA do BARREIRO

Na SERRA do CARAMULO—BEIRA-ALTA
Contra a Anemia e outras doenças provenientes da mesma. Contra as doenças do Estomago e Intestinos. Contra as Perturbações Menstruaes. A mais barata de todas as Aguas Medicinaes. — Uma garrafa para 4 dias.

Deposito em Ovar:
Viuva Cerveira

AZULEJOS

Fabrica de Louça das Devezas de **José Ferreira Valente & Filhos**
R. D. Leonor, 114 a 134 — Villa N. de Gaya
DEVEZAS
Louça para uso domestico em faiança e pó de pedra. Artigos de saneamento e decorativo. Fabrico especial em azulejo fino a rivalisar com o melhor estrangeiro. **Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo lugar. Cuidado, pois.** Preços os mais convidativos.—Endereço telegraphico: *Azulejos*—Telephone, 279.

MARQUES & ARAUJO

LIMITADA

Estabelecimento de Merceria e Deposito de Garrações. — Vendas por junto e a retalho.

Rua de S. João, 44 e 45 — PORTO Telephone. 616

Espingardas de caça e todos os aprestos

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depositos e na sua loja, formando-os mais vastos e mais confortaveis, recebeu o seu importante sortido de armas de caça, de todos os systemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a CASA LINO, de sorte que em nenhuma outra casa será possível encontrar uma unica espingarda igual ás que esta casa vende.

Chegou tambem o sortimento de *cartuchos de caça* e para tiro aos pombos. Accessorios de caça e pesca: Prana «Sparkiets», Vibrador «Varno», Sorvetiras, etc. — **CASA LINO** — 40, Praça de D. Pedro, 41—PORTO.

PAPEIS para forrar casas

Das principaes fabricas estrangeiras acaba de receber um variado e importante sortido o deposito da Fabrica de **Antonio Cardoso da Rocha** 178, R. de S.º Antonio, 180 PORTO

N'este deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, cartões para estuque, bonds, panneaux decorativos, etc.

José Bernardo Carlos das Neves

Fundada em 1776

224, R. das Flores, 226 Esquina do Souto **PORTO**

Especialidade em CHA' e CAFE' de todas as qualidades e todos os preços. ASSUCAR de todas as qualidades, CHOCOLATE nacional e estrangeiro.

KROQUETTES de chocolate em caixinhas de phantasia.

MASSAS alimenticias.

CONSERVAS e muitos outros generos e artigos por preços rasoaveis.

CAFE' de FAMILIA especialidade d'esta casa 500 reis o kilo.

IMPORTAÇÃO DIRECTA

PUREZA DAS QUALIDADES

Uma visita á Photographia Carvalho

Rua de Passeio Alegre, 27 a 29 — ESPIINHO

Todos os trabalhos photographicos. Retratos em porcelana. Retratos coloridos a oleo, aguarella e pastel. Retratos em esmalte, semi-esmalte e marfim. Miniaturas a oleo para medalhas, o que ha de mais moderno e artistico. Effeitos de luz, novidade, etc., etc. Officina de mechanica, de cartonagem e photographia moderna. Ampliações e reproducções de qualquer retrato. Transformação de vestidos e penteados. Preços sem competencia.

Grandes Armazens da ESTAMPARIA do Bolhão

Os maiores, os mais antigos, os que iniciaram o systema de preço fixo, os que mais sortimento teem e os que mais barato vendem.—Sortimento completo de todos os artigos proprios para vestuario de senhora, homem e creança, uso de casa, perfumarias, brinquedos, moveis, automoveis, etc. **Quem visitar a cidade do Porto, não deve deixar de vêr os nossos**

GRANDES ARMAZENS

que occupam uma área de 3.000 metros quadrados, n'um só pavimento.

328, Rua de Fernandes Thomaz, 348.

PORTO

Moreira, Guimarães & C.ª

37, Praça de Carlos Alberto, 38-A—PORTO

Exposição de todas as novidades recebidas directamente de Paris, Londres, Berlim e Vienna. Especialidade em tecidos para campo e praia.

ATELIER de MODISTA

ENVIAM-SE AMOSTRAS NA VOLTA DO CORREIO